

## 4 CRÍTICOS E DEFENSORES DOS QUADRINHOS

Em toda sua existência, os quadrinhos vêm sendo alvo de críticas, mas também vêm contando com diversos defensores. Alguns entusiastas dos quadrinhos, em todas as áreas, aparecem a seguir.

- Antônio Callado, grande escritor brasileiro, trabalhou em *O Globo* e foi editor do suplemento *O Globo Juvenil*, que trazia histórias em quadrinhos, cujo primeiro número saiu em 12 de junho de 1937. (GONÇALO JUNIOR, 2004)
- Millôr Fernandes, aos 14 anos, colaborou em *O Guri* (primeira revista em quadrinhos brasileira impressa em quatro cores) e era apaixonado por histórias em quadrinhos: “Foi a maior emoção intelectual-estética de minha vida, quando os quadrinhos chegaram aqui, em 1939, importados por Adolfo Aizen. Um deslumbramento.” (GONÇALO JUNIOR, 2004)
- João Guimarães Rosa várias vezes confessou-se grande leitor de revistas em quadrinhos. (AIZEN, 1977, p. 283-284)
- Clarice Lispector, em finais da década de 1940, traduziu histórias em quadrinhos. (AIZEN, 1977, p. 285)
- Declaração de Fellini, o grande cineasta: “Os quadrinhos! Não li quase outra coisa. Conservo ainda com minha mãe uma coleção de 1927 de *Corrieri dei Piccoli*... Se pudesse filmar Flash Gordon ou o Fantasma, seria o mais feliz dos homens!” (CIRNE, 1971)
- Nelson Rodrigues também era editor de *O Globo Juvenil*, tendo escrito algumas histórias em quadrinhos. Também traduzia histórias em quadrinhos do inglês, mas por não dominar o idioma, muitas vezes inventava as falas dos balões. (GONÇALO JUNIOR, 2004)

As críticas aos quadrinhos já foram bem piores; hoje em dia, quando criticados, o são como “leitura de crianças e adolescentes”, “subliteratura” – embora os estudiosos já considerem os quadrinhos como um gênero à parte, isolado da literatura –, ou como forma de arte não digna de ser analisada nos meios acadêmicos (embora felizmente isso já esteja mudando). No passado, entretanto, os quadrinhos foram bastante perseguidos. Alguns marcos importantes desta perseguição aparecem a seguir.

- Os quadrinhos foram perseguidos na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil desde a década de 1930. No Brasil, os primeiros inimigos dos quadrinhos foram os padres, muitos italianos, vindos da Itália fascista de Mussolini; o principal inimigo dos quadrinhos foi o padre carioca Arlindo Vieira. O argumento principal era que a leitura dos quadrinhos era “prejudicial às crianças” e “prejudicava os estudos” das crianças. Por incrível que pareça, Getúlio Vargas, ditador com influência do fascismo italiano, protegeu os quadrinhos e as editoras que os publicavam. (GONÇALO JUNIOR, 2004)
- Georges Sadoul, crítico de cinema francês, desde 1930 criticava os quadrinhos por promoverem a “invasão americana” na imprensa de seu país, além de responsabilizar as histórias em quadrinhos pela “delinquência infanto-juvenil”; tais histórias seriam, segundo ele, “condensadoras de crimes”. (GONÇALO JUNIOR, 2004)
- Sterling North, escritor americano de livros infantis, atacava os *comics* desde 1939, ao perceber que a venda de seus livros caía. Acusava as histórias em quadrinhos ainda por “difundirem o sexo e o terror em série” e de mostrar “pesadelos em forma de papel”, agindo sobre as crianças como “estimulantes da violência”. (GONÇALO JUNIOR, 2004)

- A grande jornalista e escritora Dinah Silveira de Queiroz foi uma grande inimiga dos quadrinhos, principalmente em sua coluna semanal do *Correio da Manhã*. Seu principal argumento: “os gibis prejudicavam ao impor a seus leitores uma cultura estrangeira – a americana.” (GONÇALO JUNIOR, 2004)
- Em 1944, o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), do Ministério da Educação e Saúde, publicou um minucioso estudo sobre o conteúdo das revistas em quadrinhos e o prejuízo que provocavam no desempenho escolar das crianças. A “deseducação” se dava principalmente pela violência, pelas ilustrações com “figuras de má conduta”, por personagens femininas que apareciam de modo “inconveniente” e pelo elevado número de “estrangeirismos”. (GONÇALO JUNIOR, 2004)
- Carlos Lacerda, polêmico jornalista e político carioca, atacou a proliferação dos novos meios de comunicação, como o cinema, o rádio e as histórias em quadrinhos. Para ele, os gibis eram “veneno” importado e, além disso, nos últimos dez anos, o número de escritores “comunistas” havia se multiplicado. (GONÇALO JUNIOR, 2004)
- Nos Estados Unidos, o psiquiatra alemão Fredric Wertham se tornou o maior crítico das histórias em quadrinhos. Em seus estudos sobre delinquência juvenil, apontava que era comum criminosos menores de idade lerem quadrinhos, os quais serviam de inspiração para o crime. Seu livro *The Seduction of the Innocent (A Sedução dos Inocentes)*, publicado em 1954, foi responsável por verdadeira caça às bruxas em relação aos quadrinhos. (GONÇALO JUNIOR, 2004)
- Vários códigos de ética foram criados para as revistas em quadrinhos, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil (e no mundo). O da Editora DC Comics, nos Estados Unidos, em 1944, proibia mostrar alguém esfaqueado ou baleado, cenas de tortura, seringas, cenas de esquarteramento ou desmembramento, caixões, especialmente com alguém dentro. A ABE (Associação Brasileira de Educação), no Brasil, em 1948, censurava linguagem que contivesse vícios ou erros que prejudicassem a correção, a clareza e o sentimento estético preconizado pela escola, ilustrações que comprometessem os objetivos da educação artística, temas imorais, impatrióticos, sectários, dissolventes, desanimadores, capazes de criar ou estimular a descrença, a indolência, a luxúria, a devassidão, o preconceito de raças, o crime, a irresponsabilidade e a passividade; as histórias em quadrinhos deveriam ter sempre um fundo moral, e, dentre outros “conselhos”, a observância dos preceitos morais, que representam a base indestrutível de nossa civilização, de essência cristã, transmigrada do Ocidente europeu e aclimatada na América. (GONÇALO JUNIOR, 2004)

Felizmente, os quadrinhos já são reconhecidos, não só como expressão artística de grande importância, mas também como instrumento eficaz na educação.

- O emprego das histórias em quadrinhos na educação já é reconhecido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). (VERGUEIRO, 2006, p. 21-25)

Já se encontra uma grande variedade de textos “sérios” sobre as HQs; são artigos, dissertações, trabalhos acadêmicos em geral e livros que analisam os quadrinhos de diversos ângulos, uma grande parte já produzida dentro das universidades, em diversas faculdades, não somente em algumas poucas, como ocorria majoritariamente no passado. Nos estudos sobre HQs, há interseções valiosas com a Semiologia, a Sociologia, a Comunicação, o Design, a Literatura, a Linguística, a Pedagogia, e é de se esperar que estes estudos sejam ampliados. Ainda há muito que ser dito no terreno da Estilística, da Intertextualidade, da Aquisição de Linguagem, da Tradução, da Análise do Discurso, da Língua e Linguagem, enfim, há um grande universo ainda a ser explorado.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AIZEN, Naumin. Onomatopéias nas histórias em quadrinhos. In MOYA, Álvaro de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.

CIRNE, Moacy. **BUM!** *A explosão criativa dos quadrinhos*. Petrópolis: Vozes, 1971.

GONÇALO JUNIOR. **A Guerra dos Gibis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In RAMA, Ângela, *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.